

di de h
M 391

Rubem Braga 10.6.69

Visita de Uma Senhora do Bairro

UM casal tinha almoçado comigo e saíra. Fiquei sozinho em casa, pensando numas coisas que tinham me dito sobre aquele casal, imaginando o que seria verdade, o que seria exagero. Era hora de fazer crônica, mas eu estava sem vontade nenhuma de escrever. Foi então que bateram à porta e eu abri.

— Posso entrar?

— Claro.

Era bonita, morena. Tinha um lenço na cabeça, óculos escuros, uma blusa de cores alegres, saia branca, as pernas nuas, sandálias sem salto. De seu corpo vinha um cheiro fresco de água-de-colônia.

— Você não me conhece não.

Morava no bairro, já tinha me visto uma vez na praia e era casada: «Vivo muito bem com meu marido. Mas se ele soubesse que eu vim aqui ficaria furioso, você não acha?»

— Claro.

Perguntou se eu só sabia dizer «claro». Bem lhe haviam dito que eu às vezes sou inteligente escrevendo, mas falando sou muito burro. Para irritá-la, concordei:

— Claro.

Mas ela sorriu. Perguntou se eu fazia questão de saber seu nome; era melhor não dizer, aliás eu conhecia ligeiramente seu marido, já estivera com ele em mesa de bar, mas talvez não ligasse o nome à pessoa. Tive vontade de dizer outra vez «claro», mas seria excessivo; fiquei quieto. Então ela disse que há muito tempo lia minhas coisas, gostava muito, isto é, às vezes achava chato, mas tinha vezes que achava formidável:

— Você uma vez escreveu uma coisa que parecia que você conhecia todos os meus segredos, me conhecia toda como eu sou por dentro. Como é que pode? Como que um homem pode sentir essas coisas? Você é homem mesmo?

Respondi que sim; era, mas sem exagero. Aliás, está provado que cada pessoa de um sexo tem certas características do sexo oposto, ninguém é totalmente macho nem fêmea.

— Quer dizer que você é mais ou menos?

— Mais ou menos.

— O que você é, é muito cínico. Engraçado, escrevendo não dá idéia. Tem umas coisas românticas...

— Todo mundo tem umas coisas românticas. Mas na minha idade ninguém é realmente romântico, a menos que seja palerma.

Perguntou-me a idade, eu disse. Espantou-se:

— Puxa, quase o dobro da minha! E mesmo, você já está muito velho. Isto é, velho, velho mesmo, não, mas para mim está. Que pena.

— «Que pena» digo eu. Se eu soubesse teria pedido a meus pais para me fazerem mais tarde, depois de outros filhos; mas não poderia prever que só iria encontrá-la em 1959. Agora acho que já fica difícil tomar qualquer providência. Uma pena.

Ela disse que eu estava lhe fazendo «um galanteio galato»; mas não deve ter ficado aborrecida, porque me fez um elogio:

— Você não é burro, não.

Agradei gravemente, e perguntei a que devia, afinal de contas, o prazer de sua visita.

— Besteira. Uma besteira minha. Eu gosto muito de meu marido.

E então, subitamente, jogou-se na poltrona e deitou a chorar. Pus a mão em seu ombro e delicadamente aconselhei-a a ir-se embora. Ergueu-se, refazendo-se, abriu a bolsa, retocou a pintura, espiou o relóginho de pulso — «é mesmo, está na hora de meu psicanalista» — despediu-se com um ciao e foi-se embora para nunca mais aparecer.